

MATIAS LIMA
DO INSTITUTO HISTÓRICO DO MINHO

RAÇA HERÓICA

O PRODUTO DESTA OBRA
REVERTE EM FAVOR DO MONUMENTO
A CARVALHO ARAÚJO

PÔRTO, 1923



3)
21.134.3-1Lima, Ma
IM

Ao seu nobre amigo
 e emprade, Augusto
 Loucaram, Ambrásia
 afectua de
 M. T. V. B. S.

RAÇA HERÓICA

À MINHA PÁTRIA E ÀQUELES
 QUE A SABEM HONRAR
 E SERVIR

The new order was

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

of the new order

MATIAS LIMA
DO INSTITUTO HISTÓRICO DO MINHO

RAÇA HERÓICA

O PRODUTO DESTA OBRA
REVERTE EM FAVOR DO MONUMENTO
A CARVALHO ARAÚJO



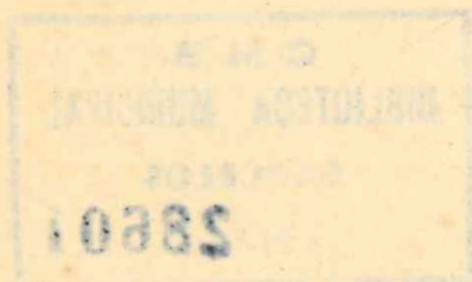
Perm.

Barcelione

PÔRTO, 1923

DO AUTOR :

CANÇÕES, 1904 (Esgotado)
FLORES DO MONTE, 1906 (Esgotado)
SOL DO CORAÇÃO, 1914 (Esgotado)
PELA PÁTRIA, 1916 (Esgotado)
VERGEL FLORIDO, 1917
MEDALHÕES NACIONAIS, 1918
TRADUÇÕES DE LA FONTAINE, 1920 (Col. Lusitânia)
A VIDA E O AMOR, 1921
LUAR DE SONHO, 1922
RAÇA HERÓICA, 1923



I

Calíope! Sê tu a minha musa
E apura o meu enfraquecido engenho.
Eu canto a valorosa gente lusa
Com pátrio orgulho e merecido empenho;
Gente forte, a quem Marte não recusa
Favor e a quem Neptuno guia o lenho.
Eu canto a raça célebre na História,
Fadada pelos numes para a Glória!

II

Ó Gama e Mascarenhas! Castro e Almeida!
 Levantai-vos! A pé, gigantes fortes!
 Vinde reler a nova e lusa Eneida
 Escrita pelas nossas bravas coortes;
 Foi nesse mar onde a gentil nereida
 Aos navegantes arma cruas mortes...
 Ó deuses! Vêde o feito que surpreende!
 Como vos honra quem de vós descende!

III

Esforçados, valentes marinheiros,
 Foram os paladins de tais acções;
 Êsses modernos lusos altaneiros
 Mais versos mereciam de Camões.
 São os filhos da glória, aventureiros
 Com ímpetos e sangue de leões.
 Ao mundo atónito meu canto os mostre
 Para que êle aos seus pés se humilhe e prostre.

IV

Bem quisera eu, em verso escultural
Que lembrasse o cinzel do estranho Fídias,
Erguer à Pátria um cântico imortal,
Certo de glória e sem receio a invídias.
Mas foi-me esquiva a musa, ingrato o ideal,
Neste enganoso mundo de perfídias . . .
Não pode a tuba erguer-se em voz tão alta,
Mas fale o Coração, já que a Arte falta!

V

Foi no mar azulado dos Açôres,
Nesse longínquo mar de belos poentes,
Que, decorreu, com épicos fulgores,
Esta Ilíada de feitos excelentes.
Foi lá que o mais pequeno dos vapores
Da nossa armada, em pugnas refulgentes,
Traçou na História, com radioso brilho,
Mais êste nome — «Augusto de Castilho».

VI

Navio obscuro, sem recursos largos,
(Com êle o ledô mar brincava e ria!)
Disponha para os bélicos encargos
De rara e defeituosa artilharia.
Mas os seus nautas, novos filhos de Argos,
Eram fortes de arrôjo e valentia;
Eram daquela raça valorosa
Que esta imortal nação tornou famosa!

VII

Seguia o nobre barco em sua róta
O «São Miguel» custodiando, ousado,
(A alma era a alma audaz de Aljubarrota!
A alma era ainda a mesma de Salado!)
Quando avistou na solidão remota
Dos mares, nesse longo descampado,
Um monstro pavoroso e formidando,
Escumoso rugindo, esbravejando!

VIII

Não era aquele monstro que no verso
Do épico se chamou Adamastor.
Era outro monstro, um monstro bem diverso
E com ferocidade superior.
Ei-lo que força lesto, mal submerso,
Os domínios do deus, pai de Agenor.
Ei-lo que se aproxima e se descobre
Em luta desigual e pouco nobre.

IX

Julgava o horrendo monstro submarino
Ferir o «São Miguel», sem leve empeno,
Certo que o caça-minas heroíno
O não impediria, por pequeno.
Êste, porém, com ímpeto ferino,
Ao clangor da trombeta de Miseno,
Mostrou-lhe ter (nobres, mas vãos furores!)
Dos Décios a alma e não dos Antenores!

X

Guerreiramente embandeirando em arco,
 Contra êsse monstro arremeteu, insano.
 Os canhões dêsse bravo e luso barco
 Foram movidos pelo deus Vulcano.
 Feitos dignos da pluma de Plutarco
 E do canto do cisne mantuano!
 Pois de tão sublimados e heroínos,
 Nem parecem humanos, mas divinos!

XI

Descrever o combate tão severo,
 Não cabe em minhas fôrças deminutas,
 Pois requeria o espírito de Homero
 A descrição de tão nefandas lutas.
 Irosas contra o monstro horrendo e fero,
 As armas portuguesas resolutas
 Calaram os antigos Alexandres,
 Os guerreiros de Tróia e heróis de Flandres!

XII

O mar da esquiva e desejosa Tétis
Erguia bravamente as suas ondas.
Almejava Plutão, do escuro Letes,
Os despojos de lutas tão hediondas.
— Ó fero Marte! Em ódios te reflectes!
A seara humana cruelmente sondas.
Ao fragor dos torpedos e metralhas
Pelo universo a negra Parca espalhas!

XIII

Não bastaria à pobre Humanidade
As suas tristes condições mortais?
E ainda Belôna, com ferocidade,
A dilacera em lutas infernais.
Os tiranos cruéis da antiguidade,
Faláris, Diomedes, e outros mais,
Não inventaram, de ânimo iracundo,
Suplícios como a guerra trouxe ao mundo!

XIV

Mísera Humanidade! Águia do céu
A erguer-se para um vôo libertador...
E sempre, como o velho Prometeu,
Agrilhada eternamente à dôr.
Mas finde o desalento e o doce Orfeu
Conceda à musa um beijo animador...
Busque-se o assunto e se retome o canto
Que por momentos deu lugar ao pranto.

XV

— Ó brava e formidável epopeia
Dêsse vaso de guerra lusitano!
Martim Moniz, às portas de Ulisseia,
Mais sublime não foi, nem mais humano.
Como o leão no bosque de Nemeia,
Tal se estorce, furioso, no oceano...
Vêde-o quási desfeito, já sem mastros,
Erguendo o nome luso além dos astros!

XVI

Uma granada varre o seu convés
Logo o tornando fumarento e sujo;
Outra aniquila a heróica intrepidez
Do bravo capitão Carvalho Araújo.
Só resta nesse barco português
O vulto dum ou doutro audaz marujo.
Sem munições, raivando sôbre os mares,
Voou com um torpedo, pelos ares!

XVII

Com a bravura com que o luso em Diu
Batalhou contra as hordas de Mafoma,
E com êsse estoicismo que impeliu
Os cristãos a morrer na velha Roma:
Tal êsse barco. Heróico se afundiu
No glauco mar. Leão que não se doma,
De Clio mereceu, agradecida,
A palma, poucas vezes concedida.

XVIII

Admirado Tritão de tais façanhas
Rugiu o seu espanto cavernoso.
Arfou mais doce, em comoções estranhas,
O seio de Anfitrite, generoso . . .
Com doces ais e súplicas tamanhas,
A génita do Oceano Tenebroso
Uniu a si (ó Glória, irmã da Morte!)
As vítimas dos ódios de Mavorte.

XIX

No entanto o «São Miguel» afortunado,
A coberto das iras inimigas,
Pisava o dorso de Nereu irado,
Longe do teatro de tamanhas brigas;
E entrando, enfim, no pôrto desejado,
Após perigos mil, rudes fadigas,
Ali depunha a salvo, jubilosas,
As vidas que trazia, preciosas.

XX

Êste é o belo feito que eu celebro,
Feito singular entre os singulares.
Nereidas, náíades do Tejo e do Ebro,
Contai-o aos vossos rios, vossos mares.
Dai-lhe o vigor, o musical requebro,
Que eu não lhe pude dar em meus cantares;
Para que os tempos narrem, com grandeza,
A bravura da raça portuguesa!

Laus Deo.

Laus Patriæ.

biblioteca
municipal
barcelos



28601

Raça heróica